

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

LICENCIATURA EM FILOSOFIA

DIEGO CASTRO DA SILVA

AS VIRTUDES MORAIS CARDEAIS SEGUNDO SANTO TOMÁS DE AQUINO COMO
CONDIÇÃO PARA SATISFÁTORIA INTERSUBJETIVIDADE

ANÁPOLIS –GO

2020

DIEGO CASTRO DA SILVA

AS VIRTUDES MORAIS CARDEAIS SEGUNDO SANTO TOMÁS DE AQUINO COMO
CONDIÇÃO PARA SATISFÁTORIA INTERSUBJETIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Tobias Dias Goulão.

ANÁPOLIS-GO

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

DIEGO CASTRO DA SILVA

AS VIRTUDES MORAIS CARDEAIS SEGUNDO SANTO TOMÁS DE AQUINO COMO
CONDIÇÃO PARA SATISFÁTORIA INTERSUBJETIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade
Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção
do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof.
Tobias Dias Goulão.

Data da aprovação:

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

ANÁPOLIS –GO

2020

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de apresentar, primeiramente, os conceitos das virtudes morais segundo Santo Tomás de Aquino, em seu pensamento ético, que norteia o modo de viver do homem, a fim de que ele possa alcançar a vida virtuosa. As virtudes morais possuem um grau de importância, sendo, portanto, as principalíssimas, as cardeais, de acordo com o que se aplicam e regulam o apetite do homem frente as suas vontades. Tais virtudes estão presentes no cotidiano do homem, nas suas ações e modo de viver, por isso, tem regência sobre seus atos humanos, os deliberando. Nas virtudes morais cardeais estão atribuídas uma maior presença da razão de virtude, de modo que, ela produz a potência de agir bem, e é também a causa da própria ação do bem agir. O homem que é então regido pelo governo da razão, propende de maneira natural a um autoconhecimento das suas capacidades, pois, as virtudes são meios que os levam a reconhecer o fim a que se destinam. Tendo tal conhecimento, o homem, pode agir mais livremente, e assim o fazendo, tem a capacidade de levar ao seu exterior, essa ordem harmônica e equilibrada das suas ações, qualificando a definição do seu eu, pelo o outro, que se dá nas relações intersubjetivas. O homem é naturalmente inclinado a relacionar-se com o outro, e as virtudes morais cardeais, o ajudarão a equilibrar também o relacionamento consigo, fazendo assim, com que satisfatoriamente, possa desempenhar o conhecimento e o relacionamento consigo e com o outro.

Palavras –chave: Vida virtuosa. Virtudes Morais Cardeais. Intersubjetividade.

ABSTRACT

This work wants to first present the concepts of moral virtues according to Saint Tomás of Aquino in his ethical thinking, which guides the way of life of man, so that he can reach the virtuous life. The moral virtues have a degree of importance, being, therefore, the most important, the cardinal, according to which they apply and regulate man's appetite in the face of his will. Such virtues are present in the daily life of man, in his actions and way of life that is why he rules over his human acts, deliberating them. In the cardinal moral virtues, a greater presence of the reason of virtue is attributed, so that it produces the power to act well and is also the cause of the action of good action itself. The man who is then governed by the government of reason, naturally proposes a self-knowledge of his abilities, because the virtues are means that lead them to recognize the end for which they are destined. Having such knowledge, man can act more freely, and in so doing, he has the ability to take to the outside, this harmonious and balanced order of his actions, qualifying the definition of his self, by the other, which occurs in the intersubjective relations. The man is naturally inclined to relate to the other, and the cardinal moral virtues will help him to balance his relationship with himself as well, so that he can satisfactorily perform the knowledge and relationship with himself and with the other.

Key words: Virtuous life. Cardinal Moral Virtues. Intersubjectivity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. PENSAMENTO MORAL DE TOMÁS DE AQUINO	6
CAP I - AS VITUDES MORAIS E SUAS RAMIFICAÇÕES	8
3. VIRTUDE MORAL E HÁBITOS	8
3.1 A VIRTUDE MORAL COMO MODERADORA DA VONTADE.....	10
3.2 A RETA RAZÃO E CONSCIÊNCIA MORAL.....	12
II CAPÍTULO - AS VIRTUDES PRINCIPALÍSSIMAS, VIRTUDES MORAIS CARDEAIS	15
4. DISTINÇÃO DAS VIRTUDES MORAIS ENTRE SI.....	15
4.1 AS VIRTUDES PRINCIPALÍSSIMAS (CARDEIAIS)	18
4.1.1 VIRTUDE MORAL CARDEAL DA PRUDÊNCIA	19
4.1.2 VIRTUDE MORAL CARDEAL DA JUSTIÇA	20
4.1.3 VIRTUDE MORAL CARDEAL DA FORTALEZA	22
4.1.4 VIRTUDE MORAL CARDEAL DA TEMPERANÇA	24
III – A APLICAÇÃO DA VIRTUDE MORAL E A INTERSUBJETIVIDADE	25
5. INTERSUBJETIVIDADE.....	25
5.1 OS EFEITOS DA VIRTUDE MORAL CARDEAL NO CAMPO INTERSUBJETIVO... ..	27
5.2 A VIDA VIRTUOSA AJUDA VENCER MALES DESSE TEMPO	29
6. CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

A realização desta pesquisa apresenta motivação teórica e prática da aplicação das virtudes morais cardeais, nos comportamentos humanos, de modo que possam os levar a uma vida virtuosa que posteriormente vai ordenando as suas dimensões mais essenciais, como a intersubjetividade.

A maior parte desse estudo, possui característica de explanação teórica da obra de Tomás de Aquino, filósofo da idade média, que foi um grande sistematizador do pensamento filosófico e de temas importantes para a vida do homem. Seu pensamento, vai ser base de uma reflexão, que analise as condições favoráveis da aplicação das virtudes morais cardeais à dimensão relacional do homem consigo e com o outro, desenvolvendo assim uma satisfatória intersubjetividade.

O homem tem sofrido com uma visão reducionista e simplificada de si, que atinge diretamente a sua personalidade e as dimensões intrínsecas que precisa para se desenvolver, onde percebe-se que, se não as obtém desde o início da vida, corretas concepções morais, pode se tornar degradado o seu crescimento nas relações exteriores, que foram atingidas pela fraca concepção de si mesmo, que deveria ter sido orientada anteriormente pela formação da consciência moral.

As virtudes morais são hábitos adquiridos, que dão a possibilidade ao homem de chegar ao seu fim querido, por isso elas são importantes reguladoras do comportamento humano. “O homem virtuoso age segundo aquilo que é, isto é, segundo a sua própria natureza, e, portanto, age bem, de forma justa e reta, tal como é querido por Deus, porque existe algo nele que o capacita e o dispõe para isso, e a isto chamamos virtude” (SILVA 2018, Pág.10).

Entender o papel das virtudes morais cardeais é importante para dar ao homem meios satisfatórios para realizar seus constitutivos mais intrínsecos. Naturalmente, o homem tem vontades, as quais precisam de uma norma reguladora, que as direcione a um fim. Essa norma, é a reta razão, a qual dá a cada pessoa capacidade de uma vida moral, que ordene e harmonize as condutas humanas, assim como diz Tomás de Aquino, a moralidade confere a cada ser um modo de viver. Tal modo de viver, será ordenado pela formação da consciência moral, que é regida pela reta razão. Essa ligação, da vida virtuosa com os constitutivos do homem é poderosa ferramenta de autoconhecimento, e ajuda a cada homem a desenvolver, nas etapas de sua vida, a capacidade

de relacionar-se consigo mesmo, vencendo suas dificuldades, e assim ordenado, pode externamente se relacionar melhor com o outro.

O outro ajuda a definir o Eu de cada pessoa, assim o homem pode também se reconhecer pela ajuda e regência das virtudes morais, em seus diversos grupos sociais, nos quais necessita de relacionamentos para o desenvolvimento de seus constitutivos. O conhecimento do outro, é senão, o exame de si mesmo, fazendo com que o homem fuja ao nada, a solidão e tenha uma capacidade dialógica bem desenvolvida.

A intersubjetividade, associada as virtudes morais cardeais, pode fornecer ao homem importantes ferramentas de autoconhecimento, aceitação e domínio de si. A moralidade, regida pela reta razão, dá ao homem a possibilidade de escolha livre de seus atos, por isso, o homem virtuoso pode viver melhor consigo e com aqueles que estão a sua volta. Os desafios, dos tempos atuais, demonstram a necessidade de uma correta aplicação e vivência da moralidade por parte de cada pessoa em sua singularidade, tornando-se armas eficientes para vencer males deste tempo como as superficiais relações sociais, que podem culminar nas fortes tendências egocêntricas, individualistas e subjetivas em que a sociedade está inserida.

O corpo desta exploração busca, por meio de uma linguagem simples, clara e objetiva, trazer os conceitos de virtudes, hábitos e as virtudes cardeais em suas ramificações, e se elas de fato, podem ajudar o homem a se ordenar e adquirir moralidade para viver melhor seus constitutivos, entre eles a intersubjetividade.

Para cumprir este propósito, estabeleceu-se uma ordem, para melhor apreciação da sua leitura, por meio de três capítulos: sendo o primeiro destinado a aplicação da visão moral de Tomás de Aquino, e os demais conceitos de virtude, hábito e sua incidência sobre a vontade. O segundo, se detém na distinção das virtudes morais, tomando como parâmetro central as principalíssimas virtudes morais que são as cardeais. Por fim, o terceiro e último capítulo, traz a explanação da intersubjetividade, e a consequente incidência da virtude moral cardinal sobre ela, demonstrando seus efeitos, e exemplificando os males que podem ser combatidos pela junção de tais temas que atingem diretamente às dimensões essenciais do homem.

Veremos que a vida virtuosa é bastante eficaz no processo de socialização do homem. A formação virtuosa, quando presente na vida do homem, desde os seus primórdios, ajuda a formar uma pessoa ordenada e harmonizada com o seu modo de viver consigo e com os outros. A condição, para uma satisfatória intersubjetividade, pode estar ligado à concepção reta de tais

conceitos, e aplicação das virtudes morais cardeais na vida do homem. Portanto, vê-se neste estudo a necessidade de explorar tais conceitos, tendo uma visão de aplicabilidade na atualidade, e a importância e qualidade que a vida moral equilibrada, pode dar a cada pessoa, a fim de que seja meio para alcançar seu fim, e realizar-se na vivência de suas dimensões intrínsecas, e uma das principais, a dizer, é a capacidade de relação dialógica.

2. PENSAMENTO MORAL DE TOMÁS DE AQUINO

O filósofo cristão Tomás de Aquino nasceu em Roccasecca, em 7 de março de 1274, foi um frade católico da ordem dominicana. “Tomás de Aquino desenvolve em suas obras uma sistematização dos estudos já realizados, dando respostas na sua obra Suma Teológica a grande parte dos problemas filosóficos apresentados anteriormente por outros filósofos” (REALI 2003, Pág.221).

Grande nome da Escolástica, desenvolveu conhecimentos sólidos para consolidar formidáveis resoluções filosóficas e teológicas que dão base, até hoje, a problemas relacionais destas áreas, desenvolvendo uma consistente teologia natural. Seu tomismo trouxe valorosas contribuições para dar assertividade a temas importantes como por exemplo as provas da existência de Deus, a teoria do conhecimento e a concepção realista das coisas e a sua filosofia ética dos atos humanos, ao qual, será tratado em parte neste estudo por meio do emprego das virtudes.

Como grande sistematizador das teorias que se passaram, Tomás de Aquino, trouxe contribuições e melhorias a esses pensamentos, fundando-se principalmente nas obras de Aristóteles, que fundamentou seu pensamento na busca da essência das coisas, Tomás, porém, foi adiante, procurando além da essência, o que “é” o ser em si, a sua origem e finalidade última e mais intrínseca.

Tomás de Aquino, bebe da filosofia Aristotélica, mas assimila tudo de maior importância de outras escolas, como o platonismo e neoplatonismo, por isso sua doutrina é considerada uma exímia síntese filosófica (superior aos elementos de que se compõe). Pautando-se na doutrina da revelação Cristã, que iluminando a razão eleva seu intelecto que está em seu devido trono, (mestre do entendimento da vontade), é elevado a uma vontade pura, que o concebe como maior dos

filósofos perenes de todos os tempos, trazendo consigo, também uma fundamental pesquisa acerca dos anjos, por isso foi denominado: “Doutor Angélico”.

Sua teoria moral trouxe grande contribuição para a filosofia, se embasando na obra ética de Aristóteles: “Ética a Nicômaco¹”, Tomás, comenta e explica tal obra dando ricas contribuições filosóficas e teológicas sobre o tema da ética das condutas humanas e a busca da felicidade do homem e da cidade.

Das mais importantes obras de Tomás de Aquino, é a Suma Teológica, escrita na época medieval por volta dos anos de 1265 a 1273², uma das principais obras filosóficas da escolástica. É composta por questionamentos e respostas sobre as mais diversas realidades do pensamento filosófico, onde, se encontra tanto formulações e respostas racionalmente filosóficas como teológicas para os diversos assuntos. A preocupação de Tomás de Aquino, foi preparar bem os estudos dos iniciados, e deixar sistematizado seu pensamento para contribuir com a construção do pensamento filosófico atual e posterior a si. Dentro de tal obra, ele se dedica a falar também das condutas humanas, da sua moralidade e a aplicação das virtudes, fonte principal de onde serão obtidos os conceitos para explanação e desenvolvimento dessa pesquisa. Trabalha, pois, a sua teologia a partir da argumentação filosófica, dando a tudo uma ordem e hierarquia, “daí é oriunda sua lei natural que visa a ordenação pratica do mundo, em especial para com o papel que ocupa a razão humana, entendida como vida ordenadora das ações morais e políticas” (BOCCA 2009, Pág.58).

Deste modo, o Aquinate³ busca de forma objetiva fundamentar um *modus vivendi* (modo de viver), que deve ser próprio da natureza humana, demonstrando ao decorrer da sua teoria que existe dentro dessa lei natural uma forma racional moral que o homem possui e deve viver de acordo com ela.

¹ Ética a Nicômaco: Aristóteles trata na sua obra, de maneira geral, da sua filosofia ética. Antes de tudo é preciso entender que a ética tem por objetivo regular e sistematizar a conduta humana. A obra é praticamente uma “receita” para uma vida boa, ou seja, para uma vida definitiva e plenamente feliz. Uma vida feliz, segundo Aristóteles, é uma vida vivida de acordo com sua finalidade. é uma coletânea que reúne dez livros e versa sobre os mais variados assuntos, enfocando especialmente na questão da felicidade e nos meios para se alcançá-la.

² Wikipédia, enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Suma_Teol%C3%B3gica>. Acesso em 22/10/2020.

³Aquino, é, é uma referência ao condado de Aquino, uma região que foi propriedade de sua família até 1137.

“A moral tomista se condensa em duas palavras: de Deus e para Deus, onde o Governo é de Deus sobre tudo que é criado por Ele” (REALI 2003, Pág.231). O homem é um ser criado, mas entre todos os seres do mundo ele tem o privilégio de poder retornar a Deus, no qual está sua meta última, sua perfeição e sua felicidade, por isso, todas as coisas alcançando a sua perfeição em suas naturezas específicas, estarão buscando a sua finalidade.

O Dr. Angélico, divide a vida humana em ativa e contemplativa (BOCCA 2009, Pág.58). Nesse presente estudo, levará em consideração, a vida ativa, que trata das ações externas ao qual o campo ético chama de ciência dos atos humanos, os modos de viver de forma moral. “Todo esse modo de viver deve levar a vida boa, conforme a virtude, por isso culminaram nas virtudes morais, pertencente as atividades exteriores, que se ordenam à ação, que são fio condutores ao fim a vida contemplativa” (VEIGA 2017, Pág.105), porém em tal estudo, será versado mais sobre os aspectos da vida ativa, em seu certame moral, podendo-o conduzir a resolução de seus objetivos.

Segundo FRAILE (2015): “a moralidade tomista está Deste modo; a moralidade dos atos humanos enquadra-se no processo ontológico geral da criação e, desde o primeiro momento, vincula-se a Deus, o primeiro princípio do ser e o objetivo último de todos”. Assim a essência da moralidade consistirá em um processo de partilha do homem em conformidade com sua natureza racional e livre, mas em função do fim que Deus apontou para ele, o qual ele deve tender a conquistar com o esforço de seus sucessivos atos acumulados ao longo de sua vida, por isso a importância da vida virtuosa coordenada pelos retrospectos da reta razão que condiciona o homem a viver plenamente suas faculdades mais intrínsecas.

CAP I - AS VITUDES MORAIS E SUAS RAMIFICAÇÕES

3. VIRTUDE MORAL E HÁBITOS

Tomás de Aquino, explica que a virtude moral tira a sua denominação da palavra latina *moris*, que significa: costume, “onde se dá inclinação para um ato pela parte apetitiva, à qual é próprio mover todas as potências para o ato, por isso nem todas as virtudes são morais, mas só as que pertence a potência apetitiva” (AQUINO, T. STh. II, q. 58, a. 1). “Virtude são princípios de certas operações da alma, tendo sua atividade nos costumes, hábitos, que fazem parte da sua natureza, tendendo da parte apetitiva” (AQUINO, T. STh. II, q. 50, a. 1).

“A virtude, portanto, pode ser um hábito voluntário existente no termo médio em relação a nós, determinado pela razão” (AQUINO, T. 2015, p.181). A virtude de alguma coisa é tomada segundo o último que é possível. “É hábito, porque a operação perfeita não procede de um homem perfeito, cada coisa deve ser boa e bem operar, por isso virtude é aquilo pelo qual o homem se torna bom e bem operante, no qual se pode dar pelo termo médio” (AQUINO 2006, Pág.190). A virtude pode ser adquirida segundo a razão, e orientada pelo termo médio onde se alcança o equilíbrio entre os excessos, moderando as paixões e dando força e coragem para vencê-las e tornar o homem virtuoso.

Outro ponto importante é perceber que a virtude moral não se compreende inata na natureza humana. A criança, já não nasce com compilações virtuosas, isso vai se obter pelo costume que dá origem a uma inclinação ao modo de natureza. “O apetite é ponto focal da virtude moral, porque ele é movido pelo objeto, existindo em cada pessoa, portanto, uma certa aptidão natural para receber as potências das virtudes morais, na medida em que a força apetitiva em nos é naturalmente apta a obedecer a razão” (AQUINO 2006, Pág. 35).

O costume criado pelo apetite deve se dirigir, sempre, ao bem, que possa lhe ser oferecido com tal ação, por isso a virtude moral deve ser resultado dessa investigação das boas operações, essas que de fato, após boa aptidão de hábitos se tornarão consistentes se forem regidas pela reta razão. Entendido os pressupostos, vê-se que a geração da vida virtuosa vai obedecer antes, processos que ordenem a conduta humana a chegar a tal patamar.

“As virtudes morais têm por finalidade a moderação das paixões interiores e do uso das coisas exteriores, não sendo eles fim último da vida humana, por isso a felicidade última não pode estar em tais” (AQUINO, S. G., XXXIV, 1). A virtude deve ser vista como meio que encaminha ao bem que o homem apetece naturalmente, e agindo desta forma poderá lhe conferir sempre nesta linha o ordenado e correto agir sobre questões fundamentais da vida e suas teorias que qualificam as coisas tal como são, o fim último é dito perfeito em si mesmo, porque não precisa de nenhum outro agente para o ser. Entretanto é preciso deixar claro que a felicidade última do homem não consiste nos atos das virtudes morais, elas são condições para se chegar à intelectualidade.

Segundo JOLIVET (1967): “o papel do hábito é ser fator de progresso, porque graças a ele os resultados adquiridos se mantêm e crescem, dando resultado de cada esforço, acumulando

progressos e crescimento pessoal”. Cada pessoa tem um automatismo que faz com que sua natureza se oriente para alcançar seus fins, e o hábito se torna o meio de fazer com que essa aptidão funcione, de forma que leve o homem a criar forças e mecanismos que o fazem progredir na construção de uma personalidade virtuosa, pela prática incessante de tal hábito, se adquire as virtudes morais.

Portanto, entendidos tais aspectos, pode-se chegar a uma finalidade do hábito, que vem a ser:

O hábito é então ao mesmo tempo condição de continuidade e condição de progresso, sem tal hábito a condição do vivente seria totalmente determinada pelos estímulos do momento, e não teria nem unidade nem continuidade, libertando o homem de condições deterministas naturais, dotando-os de habilidades originais, levando-os ao aperfeiçoamento, portanto podendo-o definir como conjunto de modificações e aperfeiçoamentos que, afetando uma atividade em razão de seu próprio exercício, e dando-lhe uma aptidão de ser exercer de maneira mais e mais perfeita e segura, condicionam, em todas as ordens da atividade humana, os progressos do indivíduo e da sociedade (JOULVET 1967, pág. 87).

Observando tais definições ao campo ético, que é uma ciência especulativa e prática, vê-se a importância do entendimento habitual no progresso da pessoa para se obter a vida virtuosa, de modo que tais impulsos automáticos adquiridos nos atos humanos, por ser de tal prática, dá seu aperfeiçoamento na concepção das virtudes morais, demonstrando que é, portanto, o hábito uma virtude.

Tais hábitos, ainda, geram efeitos psicológicos necessários, em cada pessoa, podendo por sua prática, reforçar os atos que sejam bons a prática da virtude, formando assim, resistência aos vícios, pelo seu constante exercício. Sendo eles os meios para exercício da atividade sensível deliberada, podem de forma rica levar o homem a agir na correta linguagem, o capacitando na formação da consciência reta que é movida pela razão, tomando-se o cuidado também com as malícias, pois, o homem dotado de liberdade pode fazer de seus atos, maus, se não forem direcionados pelo reto agir na condição do bem verdadeiro e não aparente.

3.1 A VIRTUDE MORAL COMO MODERADORA DA VONTADE

“A vontade, é entendida como conjunto das operações chamadas voluntárias, que são movidas pelo intelecto, ao qual, lhe apresenta o seu objeto” (AQUINO, T. STh. II, q. 9, a. 1.s.). A vontade é, portanto, responsável por uma unidade de organização interior dentro de cada pessoa, por isso que a educar é ao mesmo tempo dar condição aos hábitos de se dirigirem ao bem, dando

possibilidade do exercício de atos livres, que por sua vez, proporciona a pessoa, à prática da vida virtuosa.

“A vontade é expressão de unidade e organização, de modo que expressa então por isso uma personalidade, será ela, mas poderosa e eficaz quanto, mas perfeita for a unidade pessoal, quando, mas organizado e hierarquizado o conjunto de apetites e das tendências nas pessoas”. (JOULIVET 1967, Pág. 562).

Portanto, a prática constante de virtudes que são hábitos, faz com que as pessoas consigam pelas operações interiores, ter maior constância ao que é bom, retirando de seus atos, caprichos, inconstâncias e paixões que os façam sujeitos ao desequilíbrio das suas atividades. Pode-se então dizer, que “a vida virtuosa é poderosa ferramenta para que a vontade, que é, uma faculdade humana que move a si mesma em direção do objeto” (AQUINO, T. STh. II, q. 9, a. 3.s.), seja fortalecida em direção daquilo que é bom, e esse bem, sendo conhecido e apetecido, pela vontade ordenada pela razão, faz com que sejam vencidas tendências e males que podem causar retrocesso da vida virtuosa perante as paixões.

Levando em consideração tais aspectos, percebe-se que a vontade é então também dotada de apetite racional, o que diferencia de fato o homem, do animal que se dirige a instintos. O homem pela inteligência apreende o objeto como um bem, ele pode conhecer a essência e o que pode realizar em sua vida, por isso os comportamentos humanos são deliberados e volitivos. Ele tem consciência do que faz, se a vontade apetecida é regida pela razão, por isso, “a vivência da virtude moral, deve passar por uma vontade que deve tender ao bem, sendo que o objeto da vontade é o bem conhecido” (AQUINO, T. STh. II, q. 9, a. 4.s.).

Como cita: (JOULIVET, 1967, pág. 544), “a atividade voluntária é caracterizada por um juízo de escolha entre vários partidos possíveis, ela é então um juízo prático, que enuncia uma ordem, um movimento a ser praticado”. Percebe-se, que com tal afirmação, fica evidente que o ato voluntário - que faz uso da liberdade para ser praticado- necessita anteriormente de uma ordem, que seria um conhecimento adquirido, gerador de uma capacidade de julgar o ato apresentado como bom ou mal, para conseqüente prática.

O exercício da vontade para constituir vida moral é extremamente importante, sendo ela voluntária, ajudará cada pessoa perceber os efeitos de seus atos, e que, ao fazer cada coisa da

maneira que deve ser feita, pode imprimir na sua condição humana, fatores que potencializem a ser pessoas mais preparadas para o conhecimento de si, e das externalidades que os cercam.

O Aquinate, ainda afirma que “ordenar de fato é ato da razão, pois o apetite obedece à razão, deste modo percebe-se que os atos da vontade e da razão incidem um sobre o outro, mas a razão é superior, porque intimar a fazer algo de algum modo, é próprio da razão” (AQUINO, T. STh. II, q. 17, a. 1). Ordenar propriamente é necessário para a construção da virtude moral, visto que essa, é resultado da concepção correta da reta razão nos modos de agir de cada pessoa.

Portanto, se a razão ordena os atos internos e externos do homem, pela virtude moral, no exercício dos atos, fará de cada indivíduo por seus repetidos hábitos, alguém capaz de viver de forma virtuosa. Seguido por tal prática, a virtude moral, orientando a vontade, pode levar cada pessoa, a se relacionar de forma mais equilibrada com aquilo que está dentro de si, o possibilitando também, do conhecimento daquilo que está fora de si, de um modo que um não afete o outro, mas o ordene, pois “é próprio do virtuoso ter a vida ordenada” (AQUINO 2006, Pág.40) e buscar sempre o bem no modo de agir, o conduzindo assim a seu ótimo, seu fim último, já predestinado, que é a felicidade.

3.2 A RETA RAZÃO E CONSCIÊNCIA MORAL

Para explanar bem a autoridade da reta razão e seu domínio sobre a consciência moral, é primeiro necessário saber que o Aquinate, considera que as virtudes adquiridas pelo esforço humano, devem ter conformidade com a razão, fazendo dos atos humanos voluntários, demonstrando que o homem conhece o fim para qual se dirige, e isso o diferencia dos brutos⁴. Cada pessoa, tendo então, execução dos atos voluntários de maneira perfeita e racional, pode bem deliberar seus atos, e esses serão julgados, como bons ou maus, pela consciência moral, que é direcionada pela reta razão.

“A reta razão, é a razão humana iluminada pelos primeiros princípios da ordem moral” (SIMON 1981, Pág. 196), iluminada pela luz da lei natural que está impressa em cada pessoa, “chamada por vezes de norma piloto, norma pelo qual o homem deve conformar seu agir, para realizar sua vocação de homem” (SIMON 1981, Pág. 196). Essa moralidade que é objetiva,

⁴ Brutos: nome filosófico atribuído aos animais irracionais.

independe do juízo prático da consciência, por isso não deve ser confundida com ela. Contudo, a reta razão, cabe um domínio sobre as normas e valores morais constituídos pela razão humana, como se explica:

(...) existe uma ordem de normas ou valores morais imediatamente constituídos pela razão em função das finalidades essenciais do homem. Chamam o tipo ideal ao qual o homem deve conformar-se seu agir para realizar sua vocação de homem. Como sabemos, esses valores, não tem nem a transcendência absoluta de uma ordem desligada da existência, nem a imanência total dos valores que se identificam com o determinismo das tendências. Aparecem como exigências – e é o que constitui sua transcendência – que se impõe ao homem, mas exigências que se encontram uma base nele pelo fato de ser razão e, pelo mesmo, aberto ao absoluto. São, pois, valores propriamente humanos, enquanto são para o homem a medida homogênea de seu agir. (SIMON, 1981.Pág. 296).

Levantado tais aspectos, percebe-se que a reta razão, será então no homem aquela norma piloto, que o conduzirá objetivamente a realizar seus atos em direção a um objeto que lhe foi proposto, porque a *reta ratio*, será tal norma que dá sua formação, ao ato livre, conformando assim os atos dos homens para que sejam moralmente bons.

“A bondade ou valor moral do ato humano reside pois, na sua conformidade com a reta razão” (SIMON 1981, Pág. 197). A razão será então princípio formal do ato humano, e o objeto da vontade será sempre proposto pela razão, deste modo, o homem poderá dirigido por tal norma, colocar seu conhecimento interior, do mundo e dos outros, também sobre o domínio da razão em si. Tendo o homem a capacidade racional de distinguir entre o bom e o mal, poderá eleger com maior ciência - pela via da vontade que foi ordenada- o objeto proposto a seu ato, e então o realizar ou não.

“A eleição que segundo o Aquinate é o desejo das coisas que estão em nosso poder, pertence a razão ligado à vontade, ou seja, faz parte do intelecto apetitivo e deste modo composto de conselho e apetite para escolher algo é fator determinante para o correto emprego da razão” (AQUINO, T. STh. II, q. 13, a. 1), sendo ato da vontade mas bem empregado pelo uso da reta razão.

Como foi visto anteriormente, a vontade que se ordena em direção da virtude moral, compreende-se, pois, pela direção dada pela via da reta razão, que faz seu juízo e proporciona assim que tal coisa seja escolhida com liberdade de conhecimento de ato. Por isso o homem pode viver por bons hábitos, pois são criados a partir do momento que são entendidos por bons e que o ajudem a chegar a seu fim. As relações pessoais e interpessoais, estão inseridas em dimensões intrínsecas

dos homens, porém, quando não conhecidas antes, e sendo assim não colocados à disposição de uma eleição livre em detrimento da reta razão, podem ser direcionados mais a paixões, que propriamente a vida virtuosa, por isso a importância do emprego e governo da reta razão sobre as dimensões do homem.

“As paixões da alma são padecimentos humanos” (VEIGA 2017, Pág.77), a razão enfim vai inclinar o homem ao bom hábito, para então acontecer a criação de uma virtude para que se afaste propriamente do mal. A vontade então conformada a reta razão será moralmente boa.

A consciência, diferente da reta razão, “é norma de moralidade subjetiva” (SIMON 1981, Pág.303). Subjetiva, porque ela pode levar ao engano, se não for colocada sobre o domínio da reta razão, essa, é que vai a conduzir para que se torne, uma consciência moral, capaz de distinguir entre bem e mal. Para Tomás de Aquino, a consciência não é uma faculdade nem hábito, mais um ato. A consciência necessita então, para exercício da liberdade dos atos humanos, de certa moralidade, tornar-se-á, uma consciência moral quando for coordenada, coordenada pela reta razão, essa norma é que vai direcionar a consciência, a fim de que realize seus juízos de valor, sobre as ações, censurando ou aprovando os atos, deixando ou proibindo que eles continuem a acontecer.

“A natureza da consciência é, pois, formada por um juízo de valor acerca da ação realizada por cada pessoa, é, pois, ato terminal de um processo discursivo que parte de um universal” (SIMON 1981, Pág. 305). Então, é a consciência que traz a visão da lei e do valor moral sobre a vontade em cada pessoa, por isso, foi importante citar a criação de hábitos bons para moderação da vontade, e seu emprego por meio das virtudes morais bem articuladas pela reta razão, que vão culminar em última análise da consciência moral.

Se faz importante, também citar o conceito de Tomás de Aquino, para consciência moral, “como ato terminal de um processo discursivo que parte de um maior universal e conclui, depois de intervir uma menor singular, com uma afirmação (ou negação) referida a um caso particular” (SIMON 1981, Pág. 310). Como a virtude é um hábito operativo, consciente, constante e bom, confere ao homem virtuoso a condição de uma boa condução das suas ações, sejam internas ou externas, motivado então, por uma reta consciência, como explicitou o Aquinate, dirigirá sempre seus atos, transformando-os em pequenos atos particulares bons, em virtude de um ato bom universal que propicie o bem comum e também a vivência do bem individual.

Somente com a criação de uma consciência firme e reta, pode se formar corretamente normas de costumes nos grupos sociais, por isso é essencial desde o início da vida de cada pessoa, dar oportunidade a elas, de conhecerem bem os conceitos, as coisas tal como são, sem deturpações. Declarando de forma autêntica aquilo que é lícito ou ilícito, tal como é. Desse modo, o homem educado na vida moral desde seus princípios, pode fugir a concepção errônea da consciência, que nos dias atuais, na maioria dos casos está direcionada para certo relativismo e subjetivismo, que se apresentam por ignorância ou defeitos na forma de aplicar os conceitos, ou até mesmo ideologias presentes na cultura, ou grupo de convívio, que podem formar uma consciência laxa.

Fica evidente, ao fim desse capítulo, a concepção de virtude como bons hábitos, deliberados e conscientes que serão formados e dirigidos por uma vontade moderada pela reta razão. Essa, em sua função de norma, irá formar a consciência reta em cada ser singular, que por sua vez, terá a capacidade de uma escolha deliberada de seus atos, podendo voltar-se ao seu interior em um processo de conhecimento verdadeiro sobre si, ordenando as paixões e os bens aparentes pela vivência reta da virtude, de modo que, assim tendo se aprofundando no conhecimento correto dos conceitos, consiga se equilibrar e ter uma vida interior saída, fazendo com que isso, reflita na sua vida de relacionamentos exteriores, pois, aquele que é ordenado tem maior capacidade de ordenar aquilo que está a sua volta.

II CAPÍTULO - AS VIRTUDES PRINCIPALÍSSIMAS, VIRTUDES MORAIS CARDEAIS

4. DISTINÇÃO DAS VIRTUDES MORAIS ENTRE SI

“Tendo entendido a virtude como hábito operativo bom, e a inclinação a esse bom hábito depende sempre da virtude apetitiva, à qual é própria mover todas as potências para o ato, porém nem toda virtude é moral, mas só pertencente à potência apetitiva” (AQUINO, T. STh. II, q. 58, a. 1).

Sendo o sujeito da virtude moral a parte apetitiva da alma, se percebe que ela se divide em variadas partes, assim “não pode haver uma só virtude moral, na ordem moral é a razão que ordena e move, o desejável tem tantas espécies diversas, quantas as relações diversas que mantém com a razão, por isso as virtudes morais não constituem uma só virtude, são diversas” (AQUINO, T. STh. II, q. 60 a. 1).

Umam se distinguem também pelas obras, e outras sobre as paixões, as obras com efeito de produzir boas obras, alcançando bem ou mal, e pelas paixões causando certo deleite ou tristeza. “As paixões pertencentes a potências diversas, umas ao irascível, outras ao concupiscível, pertencem as virtudes morais” (AQUINO, T. STh. II, q. 60 a. 5), que devem levar ao aperfeiçoamento para que não se tornem vícios, mas as transformem em bons hábitos operativos. Portanto as virtudes se diversificam de acordo com as relações que mantém com a razão, e as paixões que mantém com o apetite. A essa aceção, Aristóteles, apresenta a seguinte afirmação:

É, pois claro que, são onze as virtudes morais relativas às paixões, a saber: a fortaleza, a temperança, a liberdade, a magnificência, a magnanimidade, a filotimia, a mansidão, a amizade, a verdade, a eutrapelia e a justiça. E se distinguem pelas matérias, paixões e objetos diversos. E se, por fim, lhes acrescentarmos a justiça, que versa sobre as obras, serão ao total doze (AQUINO, T. STh. II, q. 60 a. 1.)

Os atos morais que se dirigem a distintos objetos, estão ligados à diversas formas de manifestações das virtudes morais, que lutam para aperfeiçoar os hábitos em bons, a fim de que possam ordenar o homem pela razão a uma vida virtuosa moralmente, essa ação qualificaria a virtude em perfeita, distando da imperfeição que não leva o homem a seu fim último. Há então, certa simbiose entre às virtudes, entendendo que de uma forma diversa sempre irão tender a um fim, e desse modo, são formas de orientar os hábitos ao bem, com intuito de levar a ações prudentes que equilibrem a pessoa em seus atos. A virtude totalmente alcança a perfeição quando é unida a caridade, forja, portanto, no homem bons hábitos de um modo absoluto. Essa o eleva a uma capacidade maior de atingir o bem.

Entendendo tal variedade das virtudes morais, se percebe que a sua aplicabilidade dentro das relações interpessoais são grandes, de modo que cada pessoa pode obter boas relações que também se dirigem a um bem quando se deixam orientar por boas ações operativas. Se a virtude moral está presente e moderando também as paixões no homem, ela fará da prática intersubjetiva uma forma de alcançar o bem perfeito presente no homem. Vivendo cada homem pela virtude, poderá então percorrer um caminho a seu fim, e as relações tanto pessoais ordenadas em seu interior, como interpessoais, poderão se manifestar de maneira boa, dirigindo ao bem, pois as boas operações estarão sendo ditadas pelo governo da razão que ordena as virtudes morais diversas.

As virtudes morais correspondentes a boa execução das forças habituais já presentes desde a criação na natureza humana, regulam os atos em bons ou maus, de modo a torná-las condutoras a uma vida virtuosa, para possibilitar ao homem a se aproximar de seu fim último, desse modo a

virtude moral pode ser entendida também como fio condutor a virtude intelectual, onde reside a sabedoria que leva o homem a beatitude onde pode contemplar a verdade que é Deus⁵. Portanto, assim como o apetite se distingue da razão “a virtude moral se distingue da intelectual, sendo apetite princípio dos atos humanos, enquanto participa de certo modo, da razão, assim o hábito moral realiza a noção de virtude humana na medida em que se conforma a razão” (AQUINO, T.. STh. II, q. 59, a. 1).

As virtudes morais têm então, algo em comum, que é a devida intenção do fim ao que querem chegar, e para isso inclinam a potência apetitiva ao bem por governo da razão. “Elas podem existir sem três das virtudes intelectuais, a sabedoria, a ciência, e a arte” (VEIGA 2017, Pág.84), porém, depende de algumas das virtudes intelectuais para operarem, como a prudência e o intelecto. Porém as virtudes intelectuais, podem existir sem as virtudes morais.

Existe então uma diferença entre virtudes, mas um fato importante de se perceber é que elas acabam se comunicando pela necessidade de conduzir o homem ao bem, e a virtude moral de certo modo é disciplinadora dos atos humanos, para que o próprio homem optando por eles, encontre dentro de si as capacidades para deles viver.

De fato, as virtudes morais educam as paixões do homem, com a aplicação do meio termo moral. Essa força interior, boas virtudes, bons hábitos, essa força da natureza humana presente na alma, são chamadas de virtudes cardeais, que podem levar o homem a vida reta e conduzi-lo ao bem, livrando de todo mal, como diz a Sagrada Escritura no livro da Sabedoria: “Se alguém ama a justiça, saiba que são frutos da Sabedoria, as virtudes da temperança, prudência, justiça e fortaleza, que são bens mais úteis na vida...” (BÍBLIA SAGRADA, Sabedoria 8,7-8), se não praticadas deixam o homem cair nos vícios e paixões levando-o ao pecado e infelicidade. Como dito pelo autor da Sagrada Escritura, veremos a seguir, a saber essas virtudes cardeais, que são quatro: prudência, justiça, fortaleza e temperança.

⁵ Segundo o Aquinate na Suma Teológica, o fim último do homem é o bem incriado, i. é, Deus, que só, pela sua bondade infinita, pode satisfazer perfeitamente à vontade do homem. Porém, esse último fim é algo de criado nele mesmo existente, e que não é senão a obtenção ou o gozo do fim último. Ora, o fim último chama-se beatitude, que é algo incriado, e quanto a sua essência mesma, é algo criado, nela o homem contempla a verdade, o bem supremo que é Deus. (AQUINO, T.. STh. II, q. 3, s.)

4.1 AS VIRTUDES PRINCIPALÍSSIMAS (CARDEIAIS)

As virtudes que implicam a retidão do apetite, são consideradas por Santo Tomás como principais, e se colocam entre as virtudes morais, chamadas então de cardeais. São responsáveis por conduzir os princípios formais do sujeito, segundo a razão, em cada um dos seus aspectos, o fazendo de modo mais excelente, por isso essa virtude se liga como um princípio, um fundamento de finalidade sobre as outras, deste modo são tidas como principais. O termo cardeal, pode ser tomado de dois modos, segundo o Aquinate:

... de um modo, quanto às razões formais de fim, então toda virtude que atua conforme determinada razão seria um aspecto daquela virtude. Por exemplo, a temperança regula propriamente os desejos relativos ao tato, dos máximos prazeres sensíveis, e nesse sentido a eutrapelia, que regula o desejo de diversão, também estaria em conformidade à regra geral das paixões, e o nome que lhe caberia seria também temperança, em sentido mais abrangente, assim, haveria apenas quatro virtudes gerais, conforme a razão de bem de cada uma. (VEIGA 2017, Pág. 87).

As virtudes cardeais, portanto, fundam-se na vida humana, nos atos concretos e práticos dos atos humanos, e são principais porque terão certa predominância sobre essas ações que norteiam cada pequena operação de cada pessoa. Nas virtudes morais cardeais então estarão presentes uma maior presença da “razão de virtude”, denominado assim por Santo Tomás, de modo que, ela produz a potência de agir bem, e é também a causa da própria ação do bem agir. O Aquinate explicita melhor essa afirmação, dizendo:

Por conseguinte, aqueles hábitos que estão na parte sensitiva, ou dependem da parte sensitiva, se ordenam formalmente ao bem. Por isso, possuem de um modo proeminente a natureza da virtude. Porém, aqueles hábitos que nem estão na parte apetitiva, nem dependem da mesma, podem certamente ordenar-se materialmente aquilo que é o bem, mas não formalmente sob a razão de bem, pelo qual também podem ser chamados, de algum modo, de virtudes, mas são de uma maneira própria, como nos hábitos primeiros. (VEIGA, 2017 Pág. 86)

Segundo VEIGA (2017, pág. 84): “As virtudes morais são relativas ao aspecto humano prático, e tem três principais representantes, a temperança que dá modo devido de se inclinar ao tato, a fortaleza que leva a comportar-se bem diante dos perigos e a justiça, na vontade constante de dar a cada um o que é de seu direito”.

As virtudes principais são chamadas assim, porque ativam as faculdades dos homens a se dirigir as boas ações e desse modo pode construir hábitos bons. Levando em consideração tais aspectos, se faz importante para fins desse estudo, perceber que o ato de se relacionar se tornará em uma virtude, quando for sendo direcionado pelas faculdades para seu fim, para alcançar o bem.

O homem que vive as virtudes morais tidas por principais, tem em sua vida um ordenamento pela razão das faculdades que vão lhe conferir condições satisfatórias nos seus relacionamentos consigo mesmo e com o outro. Portanto, a seguir, será explanado de forma mais detalhada, cada uma dessas virtudes cardeais, sendo elas, a prudência, justiça, fortaleza e temperança.

4.1.1 VIRTUDE MORAL CARDEAL DA PRUDÊNCIA

As virtudes cardeais se comunicam entre si, e uma delas é tida como a mãe, a informadora de todas as outras virtudes cardeais, essa é a prudência. Segundo PIEPER (2018, Pág.13) “a prudência comunica as outras virtudes, a justiça, fortaleza e temperança, o mesmo é dizer que só quem é prudente pode ser justo, corajoso e temperado; e que o homem bom é bom em virtude de sua prudência”.

“À prudência pertence a aplicação da reta razão, as obras, o que não é possível sem a retidão do apetite, portanto, ela não tem só natureza de virtude, como as outras virtudes intelectuais, mas também como as virtudes morais, entre as quais é colocada” (AQUINO, T. STh. III, q. 47, a.4 s.). Portanto, só pela prudência o homem pode educar e ordenar suas práticas naturais e instintivas, de modo que a sua natureza se volte livremente para obedecer ao governo da razão, e esse por sua vez, ordene o homem a decidir retamente, pelo tempero da “medida correta” fornecida pela virtude da prudência.

Toda virtude moral deve ser necessariamente prudente, pois é então depois de tais conceitos, definida por JOLIVET (1967, Pág.241): “A capacidade perfeita de se decidir retamente”, conceito que muito importa a esse estudo, pois, aquela que governa a consciência, a reta razão, dá os subsídios necessários ao homem prudente, para viver de maneira virtuosa, e assim alcançar o bom desenvolvimento de suas dimensões, de modo integral. Esse homem prudente, ou seja, aquele que se pauta no equilíbrio integral das suas dimensões, será racionalmente pelas virtudes morais, conduzido a temperadas relações pessoais e interpessoais, pelo termômetro de retamente decidir o objeto de suas ações, e aplicar os atributos das virtudes aos seus atos humanos, qualificando-os em virtuosos.

Outro fato interessante sobre o governo da prudência na atuação como virtude moral, “é o que a virtude moral torna reta a intenção do fim; e a prudência, a dos meios, assim não compete à prudência preestabelecer o fim às virtudes morais, mas só dispor dos meios” (AQUINO, T. STh

III, q.47 a.6 s.). Desse modo, sendo o bem humano, o reto agir que atua por meio da razão, o fim das virtudes morais, a prudência se torna o meio seguro para chegar até ele.

Para que um homem chegue a se pautar nos meios prudentes para obtenção de virtude, é necessário associar tais meios a suas disposições mais interiores em querer pela vontade ordenada, deixar que ela se dirija a reta razão, como já foi dito. Então, o homem prudente, seria aquele que ordenando bem seus atos, pode ter maior domínio de suas ações internas, e moralmente pode agir externamente, qualificando seus atos humanos que se dirigem também ao meio intersubjetivo.

“Qualificando a prudência como essa virtude perfeitíssima e primeiríssima, dá ao homem condição de uma visão da verdade e do bem, uma verdadeira educação moral, que se dá na formação da razão prudencial de cada pessoa” (SIMON 1981, Pág. 381).

Por fim, sendo a prudência aquilo que versa sobre o que constitui o fim de toda a vida, considerar bens aparentes como algo prudente, constrói o vício, e dá domínio as paixões, para aquilo que se considera fim da vida, mas não ao que de fato, é. A desordem nas relações de hoje em dia, isolamento, individualismo, são considerados por algumas pessoas, modos de viver prudentemente, por isso, não se colocar em enfrentamento, parece a essas pessoas ser mais prudente. Deve-se de fato, estar atento, ao bem verdadeiro, que a prudência como meio vai ditar, por meio do governo da reta razão, essa pela consciência moral, poderá sim, julgar o que é bom e verdadeiro, do que é mal e aparente.

4.1.2 VIRTUDE MORAL CARDEAL DA JUSTIÇA

Na atualidade, um dos problemas mais vigentes em decorrência das relações de poder, riquezas e domínios entre os homens, está na noção equivocada de justiça, que parece ter se tornado mais de um povo, de uma pessoa do que de outra, o que não leva mais a visar o bem comum. A maior miséria dos homens procede da falta da virtude moral, da justiça em seus meios. A “injustiça”, reina em um mundo de desigualdades, de acúmulos supérfluos e egocêntricos de riquezas, ideias e poder, ao qual, leva a termo a dita frase: “ hoje se faz justiça com as próprias mãos”.

Para compreender a reta noção de justiça como virtude no homem, é preciso entender como explica o Aquinate, que justiça está ligado a ordenar os atos do homem aos quais dizem respeito a outrem, denotando certa igualdade, que supõe relação com o outro, por isso, a própria e correta

vivência da justiça entre homens, é elevado ganho para uma vida de consciência intersubjetiva tranquila, levando a um bom exercício das relações exteriores.

Segundo PIEPER (2018, pág.64): “ justiça é aquele hábito em virtude da qual se quer, constante e firmemente, dar a cada um aquilo a que tem direito. “O direito é objeto da justiça, ela tem em si esse objeto determinado, e que é chamado justo, ela é então após o direito, pois se fia sobre ele” (AQUINO, T. STh. III, q. 57, s.). Para designar que a justiça seja também um ato humano, pelo qual se dirige, um habito para chegar a virtude, demonstrando a estabilidade do ato, Santo Tomás a define, também como: um hábito pelo qual, com vontade constante e perpétua, atribuímos a cada um o que lhe pertence.

No pensamento de Santo Tomás, “a justiça é virtude geral, que opera de modo universal, como justiça legal, para atender ao bem comum, e aos atos particulares, por meio das virtudes particulares, como a temperança e a fortaleza, que ordena o homem para si mesmo, havendo uma junção de justiça legal e particular” (AQUINO, T. STh. III, q. 58, a.7 s.).

Na justiça está o máximo esplendor de ser virtuoso, pois é por causa de ser justo que se pode chamar alguns homens de bons. O Aquinate, explicita essa afirmação, citando:

Se se trata de justiça legal, é manifesto que ela é a mais preclara de todas as virtudes morais, pois, o bem comum tem preeminência sobre o bem particular. Mas, mesmo tratando-se da justiça particular, podemos dizer que ela é mais excelente que as outras virtudes morais, por conta do sujeito, por residir na parte mais nobre da alma, a saber, o apetite racional ou a vontade, ao passo que as outras residem no apetite sensitivo, e também por seu objeto, as outras virtudes tiram o seu mérito do bem mesmo de quem as pratica, a justiça, a tira de sermos virtuosos nas nossas relações com outrem, sendo assim de certo modo, o bem de outrem (AQUINO, T. STh III. q.58, art 12, s).

Voltando o olhar para uma análise virtuosa da justiça e sua aplicação nos meios de relacionamentos, o seu sujeito será a comunidade em sentido amplo, em sentido mais estrito a pessoa, pois à medida que cada pessoa é justa, a sociedade também se torna justa. Santo Tomás, acrescenta citando ser a justiça também uma ordem a estabelecer nas coisas. “Ela é alta virtude, porque ordena não só o homem, mas a vida de todos os homens em direção do bem comum” (PIEPER 2018, Pág.89), denotando um caráter de virtude que julga, por isso é pratica e está sempre em busca da verdade. O caráter particular da justiça, entre as demais virtudes, é o de orientar o homem naquilo que se relaciona com os outros; se deve pensar então na vida da comunidade, da

família, no trabalho, e também na organização política de um povo. “As restantes virtudes, porém, procuram a perfeição do homem apenas naquilo que lhe diz respeito” (PIEPER 2018, Pág.76).

Fica evidente a necessidade da correta noção da virtude da justiça, visto que o homem começa a entender que há um outro que não é como eu, e que tem os seus direitos. Por isso, ser justo é aceitar o outro naquilo que ele é diferente, dando-lhe o que lhe pertence. Dando complementariedade, fica ainda mais evidente que a justiça pressupõe à vida de relação, que por finalidade obriga a cada homem reconhecer algo que se deve ao outro, em virtude daquilo que também é seu por direito. Assim, evidência ainda, PIEPER:

O cumprimento da justiça realiza-se principalmente em um ato exterior; “no domínio do justo e do injusto, o que importa é a ação do homem”. Pelo contrário, no domínio da fortaleza e da temperança, é preciso atender primeiro ao estado íntimo do homem e só em segundo lugar à sua projeção exterior. Por isso, o outro, com efeito, não é afetado por minha opinião subjetiva, por aquilo que eu pretendo, penso, quero – mas por aquilo que eu faço, sendo mediante ao ato exterior que o outro fica à possuir aquilo que é seu (PIEPER (2018, Pág.84)

Tratando então, do tema da justiça como virtude, é fundamental que o homem além de praticar o que é justo, seja ele também justo em seus atos, se dirigindo a harmonia de seus atos, e dando aos outros a possibilidade de um bom relacionamento com aquilo que ele é em si, e o que de direito deve fornecer a cada um.

4.1.3 VIRTUDE MORAL CARDEAL DA FORTALEZA

A Fortaleza se origina de um pensamento cristão, como virtude para combater os vícios, paixões, para gerar perseverança, movidos por uma pertinente coragem, ao qual, ancora virtuosamente as ações do homem para fazer o bem e evitar o mal.

A prudência é fundamento da Fortaleza, a justiça à orienta, e a temperança a regula, desse modo ela tem função de ser um meio firme e resoluto sendo suporte para que as outras virtudes morais procedam bem.

Segundo PIEPER (2018, pág.154): “A fortaleza implica vulnerabilidade, sem ela não existe a possibilidade de se agir com fortaleza”. Ser forte então é ter capacidade de receber um ferimento, ter a vontade contrariada, para que assim, o ato de fortaleza possa descer até o abismo profunda de tal disposição de cair, para poder se levantar. Ainda na visão do professor Pieper, o martírio cristão, é o maior e mais autêntico ato de fortaleza, a disposição de vivê-lo. O homem não aceitará o

sofrimento pelo sofrimento, mas através dele entende que se pode alcançar algo maior. Essa disposição de ser ferido, o levará ao crescimento pessoal e tirará das mãos dos infortúnios as suas prisões e fraquezas, que movidas agora por essencial ato de coragem as tornam a virtude da fortaleza.

“A fortaleza é então definida, como uma disposição de cair em combate” (PIEPER 2018, Pág. 154), ir à luta, podendo tal ato pôr em risco a pessoa, mas que alcança parâmetros de crescimento. Ser forte, significa ter a capacidade de receber um ferimento, ir contra a vontade em busca do verdadeiro bem comum a todos. Depois é necessário entender, que “a fortaleza não pode confiar em si mesma, se ela leva a disposição de ser ferido por um bem, se supõe que o forte sabe qual é o bem que busca, então ela não procura o perigo pelo perigo, mas a realização do bem da razão” ((PIEPER 2018, Pág. 156). Ser forte é ter um sentido para buscar. O homem não é bom em si mesmo, ele é forte precisamente por amor ao bem que busca.

“A fortaleza se encontra então em terceiro lugar entre as virtudes cardeais, pois ela bem exercida se deixa informar pela prudência, que recebe dela sua forma interior, isto é, a sua essência peculiar como virtude” (PIEPER 2018, Pág. 159). A verdadeira fortaleza então implica em uma previa pesagem dos atos, daquilo que se arrisca, como aquilo que se busca preservar por ela, de modo que, ela seja não a realização do bem, mas protetora dessa realização, abrindo caminho para que aconteça por meio dela as virtudes principalíssimas, a dizer, a prudência.

“O ato, pois, essencial da fortaleza, seu ato principal, é a resistência e não o ataque” (PIEPER 2018, Pág. 165). O forte não deixa de sentir medo, embora o sentindo, não se deixa convencer a renunciar aos bens últimos que busca por temor, mas com coragem resiste criando temor verdadeiro e necessário para chegar ao seu objetivo. Por isso, a fortaleza não leva a confiar em si mesma, mas ela age em defesa do bem que almeja, atacando o mal, aí constitui virtude, que por sua vez é quem defende o bem buscado, a sua força mantenedora.

Levantado tais pontos, é importante perceber que ser forte é adquirir a virtude da coragem e deixar que ela conduza a uma verdadeira confiança, esta que por sua vez, ordenando os processos internos do ato humano, dá boa disposição ao homem para um autêntico processo de conhecimento de si, de modo que, ao ser acessado, poderá frutificar em verdadeiras e melhores relações intersubjetivas.

4.1.4 VIRTUDE MORAL CARDEAL DA TEMPERANÇA

“A temperança é uma virtude que inclina pela razão o homem ao bem, sendo-lhe próprio fazer o homem se conversar íntegro e incorrupto para Deus, sendo ela então uma virtude geral” (AQUINO, T. STh. III, q. 141, a. 1). É da virtude da temperança, uma atitude reflexiva, tendo haver com auto conservação, quietude, donde se obtém a realização da ordem e equilíbrio harmônico em si próprio, das atitudes e faculdades humanas, moderados pelo governo racional.

Outra definição, dada pelo professor PIEPER (2018, Pág.184): “ é que cabe a temperança ordenar o interior do homem, dando equilíbrio interno, para alcançar a “quietude da alma”, relacionando-se com o próprio agente, isso a difere das outras virtudes cardeais”. Essa quietude citada, visa atingir o mais íntimo do homem, de modo, que ele possa ordenar seus atos em direção do bem, assim cada homem pode por intermédio da virtude atingir um fecundo autoconhecimento, e progredir na capacidade de se relacionar com os outros.

Através do entendimento das hierarquias das virtudes morais, é possível observar melhor como elas podem atuar especificamente sobre os atos dos homens. Santo Tomás de Aquino, destaca ainda, que cabe a temperança através da razão, defender os homens de ataques intemperantes, quando cita:

Pertence a virtude moral conservar o bem da razão contra o ataque das paixões. Ora, as paixões da alma têm duplo movimento, por um, o apetite sensitivo busca os bens sensíveis e corpóreos; por outro, foge dos males sensíveis e corpóreos. O primeiro movimento do apetite sensitivo repugna à razão, pela intemperança. Os repugna quando o apetite sensitivo os busca fora da regra racional. Por onde, à virtude moral da temperança pertence propriamente moderar essas paixões, que implicam a prossecução do bem (AQUINO, T. STh. III, q. 141, a. 3. s.).

Dado tais fatos, é perceptível o papel da temperança em atuar sobre as concupiscências e os prazeres do tato. Desse modo obriga a cada homem buscar um autoconhecimento, se relacionando com o próprio agente temperante, pois seu fim está ligado a ordenar o interior do homem, contra todo tipo de egoísmo, individualismo e luxúria, que vem do ato intemperante. A temperança vai então ordenar, reorganizar os impulsos intrínsecos do homem, seja com comida, bebida, prazeres sexuais, para sempre buscar combater o egoísmo, e para isso vai se valer de armas virtuosas como a continência e a castidade.

Esses aspectos anteriormente citados, são de suma importância a esse trabalho, visto que o autoconhecimento do homem o leva a uma ordem interior, e essa dá a possibilidade de que ele se

relacione melhor consigo e seus defeitos, podendo então, o homem temperante, exercer com austeridade a virtude e o relacionamento consigo mesmo, alcançando bom estado de consciência moral, está que por sua vez, trará a seus atos humanos externos, uma decidida liberdade, em empregar de melhor modo as suas relações, vencendo os egoísmos e dotando de gratuidade suas atividades de relacionamentos. “A temperança obriga o homem a não se perder de vista a si nem o seu estado, e a dirigir o olhar e a vontade sobre si próprio” (PIEPER 2018, Pág. 185).

“A temperança é colocada como virtude cardeal, por ser considerada uma das principalíssimas. As moderações, que são exigidas nas virtudes, são reguladas pela temperança, onde lhe cabe refrear os instintos concupiscentes” (AQUINO, T. STh. III, q. 141, a. 7), dando a ela esse caráter principal sobre as outras virtudes morais mais comuns.

III – A APLICAÇÃO DA VIRTUDE MORAL E A INTERSUBJETIVIDADE

5. INTERSUBJETIVIDADE

Para o filósofo Austríaco, Martin Buber, “o evento primordial do estudo do homem, está ligado à sua capacidade de relação com o outro” (BUBER 1982, Pág. 17). Para isso, ele traz seu argumento, da relação do Eu-Tu, que não fere a capacidade de conhecimento, que possui o homem, mas a partir de boas relações consigo internamente, e externamente com o outro, ele pode desenvolver mais ainda sua capacidade de conhecer, como diz:

O conhecimento do homem é, por sua essência, o exame de si mesmo; e para que o homem possa examinar a si mesmo, é necessário o indivíduo cognoscente, o filósofo, portanto, que faz antropologia, examina, inicialmente, ele mesmo enquanto pessoa. (BUBER 1982, Pág.17).

Nesse pensamento de Buber, a intersubjetividade, ganha contornos importantes no meio antropológico, porque será promotora pelas relações exteriores, à uma qualificação das relações interiores, como resultado da relação dialógica. O que está tentando ser demonstrado, é que a pessoa humana é aberta para o eu e para os outros, fazendo, pois, dessa relação, parte de um dos constitutivos mais intrínsecos do homem.

Para STORK (2015, Pág.143): “As relações intrapessoais constituem o verdadeiro cenário da existência humana, assim se diz que a liberdade constitutiva significa a abertura radical do homem para o mundo e para as pessoas, pois ele é um ser dialogante”. O outro acaba sendo peça

importante para dar sentido ao meu “Eu”, como disse antes, Buber, desse modo, sem a presença do outro as pessoas seriam frustradas, sua capacidade de dar-se a conhecer seria destruída.

“Desde o nível biológico das pessoas, já há certa necessidade de relacionamento, precisam, pois, de hábitos para realizar todas as outras funções, tendo que aprender, necessita de reconhecer-se a si mesma, fugir da solidão radical do nada” (STORCK 2005, Pág. 143). Diante dos animais a existência do homem ainda é incompleta, o outro animal racional, como define Aristóteles o homem, é motivador para dar significado um ao outro.

Levantado tais aspectos, é importante definir o conceito de pessoa. Tomás de Aquino, a conceitua como: *subsistens rationales* (subsistente racional), também acompanha e afirma a definição de Boécio: “Substância individual de natureza racional” (AQUINO, T. STh. I, q. 29 a. 4), pois, nos particulares e racionais se manifesta a singularidade de cada pessoa, sua capacidade altruísta e a valorização da sua unicidade. Bem definida a pessoa, sabe-se que ela “é um ser de existência determinada, aberta aos outros numa relação intersubjetiva constitutiva, aberta à espiritualidade e transcendência”. (SILVA 2006, Pág.28).

O homem age, pensa, se relaciona, vive, sente como pessoa; ele é pessoa. Portanto não se torna pessoa por força de seu querer, assim como não deixa de sê-la por sua vontade. A alma do homem é pessoal, da singularidade e subjetividade a cada um, desse modo, pode ele dar excelência a suas relações associando ao seu ser pessoa a vida virtuosa. Certa moralidade, dá a esse constitutivo do homem, uma razoabilidade maior de seu fim, de modo que, os atos humanos ordenados pela razão, diante daquilo que é o homem; a dizer, pessoa singular, capaz de relacionamentos intersubjetivos, realiza pelo agir seus aspectos mais profundos. Dá-se afirmação a isso, quando diz:

Pessoa é a substância, substrato, que modera e harmoniza todas as manifestações do homem, dando a cada uma delas a pessoalidade. Isso quer dizer que em cada ato humano é revelado o ser pessoal do homem, seja na cultura, na arte, na filosofia, acaba o homem a revelar o seu ser pessoal, deixando sua marca, sua história, sua vida em fragmentos sucessivos e cheios de significados. Aqui a casualidade é insustentável. O agir é pleno de sua pessoalidade (SILVA 2006, Pág.36)

A pessoa humana é, pois, parte constituinte de uma equilibrada vida de relação dialógica, entendendo o homem que está diante do outro é parte da realização do seu ser pessoal. “O amor está dentro dessa relação de eleição e liberdade” (STORCK 2005, Pág 150).

A pessoa em relação será sempre colocada diante de um ato de eleição, e sendo está regida pelo domínio de uma consciência reta e virtuosa, obedecerá como já foi visto, a um passo de conhecimento livre, que dirige a vontade a um ato de apreensão daquilo que se ama.

“Tendo o outro como amado, e livremente conhecido, a pessoa pode então o escolher para fazer parte da sua vida de relação, esse se torna um amigo” (STORCK 2005, Pág.150), e tem importante influência na formação do conhecimento de si e do outro, desperta esse desejo de conhecimento. “Amar é possuir, alcançar o amado fazer-se um com ele, têm-se, portanto, nesse amor entre pessoas, profundos aspectos das dimensões mais profundas do homem, por isso nasce o desejo do conhecimento e partilha profunda da vida um do outro” (STORCK 2005, Pág.150). Nesse diálogo, onde um se revela ao outro aquilo que tenho e sou, dialogando, se comunicam as realidades um do outro, chegando a intimidade.

“Essa intimidade, se torna compartilhamento, dando a necessidade de profundidade de conhecimento, tal profundidade ajuda o homem a se conhecer melhor” (STORCK 2005, Pág.151), olhando com o outro, realidades que precisa melhorar para se relacionar melhor consigo, e conseqüentemente crescer nos relacionamentos intersubjetivos.

Fica evidente então, que a intersubjetividade está para o homem, tal como o homem está para a realização do seu ser pessoa relacional, que dá sentido à vida e torna satisfatório, racionalmente e intelectualmente, seu direcionamento ao fim último que é a condução à felicidade.

5.1 OS EFEITOS DA VIRTUDE MORAL CARDEAL NO CAMPO INTERSUBJETIVO

Observa-se pelo estudo levantado até aqui, que os atos humanos que se deixam dirigir pela reta razão, tem aptidão em realizar o ser do homem como pessoa humana no campo moral. Desse modo, ele pode manifestar seus constitutivos mais intrínsecos, como a relação intersubjetiva, “através do governo da reta razão, que tem por meio condutor as virtudes morais” (AQUINO, T. STh. II, q. 59, a. 1).

Tais virtudes, farão com que o homem possa alcançar seu fim, e ramificando nas principalíssimas virtudes, que são as cardeais, aponta para uma formação mais satisfatória de seus conceitos internos, transformando a consciência subjetiva em moral, e dando sentido a seu modo de viver, como citou no início Tomás de Aquino.

O homem que vive de acordo com o que sua consciência moral, aponta para o bem, sendo que a vida virtuosa é senão um caminho para levar o homem a sua finalidade, desse modo, a virtude vai equilibrando e dando harmonia a cada uma das dimensões mais intrínsecas da vida do homem, entre elas as relações consigo e com o outro. O homem realizado consigo, será então aquele que consegue livremente viver de acordo com o que é bom, aquilo que vai realizar suas necessidades mais intrínsecas e essenciais como as relações sociais.

Portanto, “cada homem tem à disposição natural à relação com o outro, podendo assim qualificar a sua relação consigo, o que está de fato, ligado ao seu mais íntimo” (MOLINA 2006, Pág.260). Tendo ele, conhecimento de si, pode elevar tal conhecimento a um grau ordenado de seus atos humanos, através da regência das virtudes morais cardeais. A relação com o outro, será dirigida do mesmo modo, entendendo que o homem virtuoso, levado pela moderação da vontade e pelo governo da consciência moralmente reta, terá a liberdade de escolha melhor orientada, dando assim ao outro a capacidade de também ajudar a formar o seu eu.

“Como virtudes principalíssimas, as virtudes morais cardeais, tem pela prudência um importante papel posterior de regência e aperfeiçoamento, gerando verdadeira disposição para a prática dos atos dos homens” (PIEPER 2018, Pág.17). Elas se manifestam nas ações dos homens no cotidiano. Todo homem tem sede de justiça, ter o que é seu por direito, julga ter capacidade para decidir entre o certo e o errado, podendo o escolher livremente quando há uma consciência moral reta, dá enfim, qualidades a seus atos, quando entende ao bem que se dirige, assim, deixa-se ser dirigido e temperado seus movimentos, não desistindo frente as quedas.

A vivência dessas virtudes cardeais, pode dar ao homem, uma capacidade de liberdade mais fecunda, frente as suas escolhas. Porém, o que se nota, é que um outro fator determinante, que são os grupos sociais, dificilmente tendem a continuar a ensinar tais práticas, tornando o direcionamento aos bens aparentes mais fortes, que a elevação das pessoas ao direcionamento do bem último.

A visão clássica da vida social, coloca como fim segundo Aristóteles a vida boa, por isso os homens devem viver não somente para satisfazer suas necessidades materiais, mais para chegar a esse bem, e aqui entra também a importância do emprego da ética e suas vertentes virtuosas. Em consequência, Aristóteles, diz que a justiça, o respeito à lei, a segurança, educação e valores são bens que constituem essa vida social, e essa por sua vez levam o homem ao fim da vida social que

é a felicidade, “sendo então a vida social o meio onde se exercem as relações interpessoais, em sua forma mais elevada” (STORCK 2005, Pág.192).

Fica evidente que nos dias atuais, é muito mais fácil decidir superficialmente ao que retamente. Tendo essa margem superficial nos seus atos, os homens, tendem a facilmente se perderem em um mar de conflitos e pensamentos desordenados, sobre si e sobre o outro, não conseguindo desenvolver harmonicamente a sua relação dialógica com satisfação.

Levantado tais aspectos, esse estudo demonstra que o homem tem disposição natural a elevar-se a uma condição de vencimento de suas dificuldades para chegar ao aperfeiçoamento, que está ligado a busca do fim último. A virtude só será, por conseguinte exercida por tal homem, com o exercício do hábito constante, esse que antes, tem que ser escolhido livremente, ao que dá uma resposta de finalidade ao homem. O homem que sabe onde quer chegar, tem as respostas necessárias em sua vida frente as escolhas que precisa fazer. Aqui entra o papel da virtude, que se tornando constante na vida do homem, traz equilíbrio a integralidade de suas dimensões, dando a ele a capacidade de respeitar cada etapa da sua vida, para viver um sadio processo de crescimento pessoal, individualizado no seu ser relacional, assim como social, ligado as relações que ele concebe com o mundo externo.

As virtudes cardeais, são primazia na vida do homem que sabe onde quer chegar e que conhece aquilo que escolhe. A prudência orienta e mostra o fim ao que a justiça julga como devido, e a fortaleza coloca disposição necessária para o contínuo exercício virtuoso, que sendo temperado afasta os homens do campo dos vícios e das paixões que o podem desviar do alcance do seu bem e fim último.

5.2 A VIDA VIRTUOSA AJUDA VENCER MALES DESSE TEMPO

Viver de modo virtuoso, tem em muitos casos, se tornado mais uma escolha, que propriamente um hábito. “Negar algo que é constitutivo em si, faz do homem, muitas vezes vazio e o leva a tender ao nada, a solidão é estéril, é converter-se em uma sobra entre os viventes” (STORCK 2005, Pág.143). Em consequência pode aumentar a incidência da violação da dimensão de relação do homem, “que seria o vício oposto a virtude da abertura ao outro, assim chamado, em tempos atuais, de males sociais, como o individualismo” (MOLINA 2006, Pág. 260), isolamento, superficial conhecimento de si e do outro, que gera por ato desordenado ações como o suicídio e a criação de personalidade destorcidas, entre outras realidades.

Não pode deixar de ser citado, o contexto atual, em que está inserido o meio social, com a pandemia do novo Corona vírus⁶. Tal evento, agravou essa crise de superficialidade do homem no conhecimento de si e do outro, de modo que o isolamento social, exigido pelas autoridades competentes, de certo modo fez com que, o homem supostamente trancafiado dentro do lar, quase que obrigatoriamente fosse colocado diante de si mesmo. Em alguns casos, supõe-se que poderá encontrar um resultado positivo, pois muitas pessoas podem passar a se conhecer melhor, reconhecer seus medos, anseios e enfrentar algumas dificuldades.

De outro modo, outras pessoas podem apresentar algumas dificuldades em conviver consigo, ou até mesmo por problemas psicológicos, que podem ser acentuadas na condição do isolamento, levar ao suicídio, provocadas pela cultura do nada, das incertezas, do medo de cuidar da própria vida,⁷ que também podem ser consequência da superficialidade nas relações que não puderam ser atingidas por uma vida moralmente ordenada.

A falta de cair em combate, a aplicação da virtude cardeal da fortaleza, faz com que o homem que teme se confrontar e temperar seus atos, pode se inserir dentro de um ciclo de perguntas sem respostas, que lhe causa muitos transtornos. Outro fator importante a ser percebido foi demonstrado em entrevista, através do psicólogo Dr. Romanni Souza:

Dados da Companhia de análises de mercado mostram que o crescimento de downloads de jogos eletrônicos em 2020 foi de mais de 30%, superaquecendo o tempo de consumo em jogos eletrônicos, levando a pessoas ao vício e isolamento por essas iniciativas. Para algumas pessoas, os jogos se tornam vícios e outras não, sendo que 9% das pessoas segundo essas pesquisas, se tornam viciadas, ou usam de tal jogos para se isolarem de tempos difíceis como a pandemia, para preencher vazio de sentimentos e relacionamentos. A pandemia, mostra que a pessoa é dependente quando ela se sente incomodada no dia em que ela não joga, traz ansiedade, sente vazio por não ter jogado, desequilibrando outras realidades da vida do homem, como o trabalho, sono, e seus relacionamentos. Houve aumento também do consumo de redes sociais, porém deixaram mais vazias e superficiais as relações presenciais, atrapalhando a fecundidade dos relacionamentos e deixando as pessoas com medo de conviver uns com os outros e consigo mesmo (SOUZA, 2020).

Na contemporaneidade, fica forte o domínio da parte subjetiva da consciência que é movida por afetos, sentimentos, ao invés da consciência moral – que é regida pela reta razão – dando

⁶O novo coronavírus que começou a circular na China no ano passado ganhou o nome temporário de **2019 n-Cov** e depois o oficial de SARS-CoV-2, uma sigla para o nome completo em inglês "severe acute respiratory syndrome coronavirus. É o nome de uma família de vírus que têm uma estrutura em formato de coroa. Eles causam infecções respiratórias e já provocaram outras doenças. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/o-que-e-o-coronavirus.ghtml>>.

⁷ SAKAMOTO, L. Atendimento durante a pandemia. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/05/31/atendimento-de-urgencia-relacionado-a-suicidio-cresce-durante-a-pandemia.htm>>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

assim vazão as fantasias e pensamentos histéricos. “Os sentimentos que não estão regidos pela racionalidade, dificultam o processo de amadurecimento e realização do ser da pessoa” (MOLINA, 2006, Pág. 260).

“Os afetos que se apresentam primeiro como um ato afetivo de decidir frente a uma emoção e sentimento que pode ser real ou fantasioso, pode causar dor, desespero, ou ligeiro contentamento podem ser tão intensos, devido a cegueira e superficialidade do conhecimento de si” (CHALMETA 2003, Pág.107), que tem o poder de levar o homem a construir realidades inexistentes sobre si e sobre os outros, ou até mesmo uma constante fuga de si e de enfrentamento de seus problemas.

O bom uso da afetividade no contexto das práticas humanas é essencial para gerir bons comportamentos, como cita:

A finalidade do controle dos afetos é qualificar as relações e comportamentos humanos, quem exerce tal controle é à vontade, dirigida pela razão. A razão é quem julga a adequação do sentimento com o evento que o provoca, a intensidade desse afeto e que ação interna e externa é apropriada à finalidade da pessoa, para alcançar a felicidade (SARRÁIS 2018, Pág. 97).

Dar razões a cada um de seus problemas, e nome a seus medos, ajuda o homem a se equilibrar em suas ações. Fato que acontece muito hoje em dia, são as constantes buscas das terapias psicológicas, que ajudam o homem a remontar parte de sua história onde é possível identificar períodos em que não conseguiu viver bem cada etapa da integralidade de suas dimensões, seja psicológica, que acaba afetando a biológica, espiritual e assim por diante.

Esse estudo demonstra que o homem desde os primórdios da vida, dever ter acesso aos corretos conceitos da vida moral, pôde desenvolver em seu grupo social a capacidade do entendimento e da busca da sua finalidade, que é ser feliz. Tal finalidade, conseguirá ser atingida quando tal homem se compreende como pessoa, e tem em cada etapa da vida a possibilidade de desenvolver hábitos que ordenem e harmonizem suas dimensões.

A capacidade de desenvolver vida virtuosa está propensa a todos, o que demonstra a realidade é que alguns são prejudicados pelo meio em que vivem. Por isso a importância do conhecimento de si, e do outro, para que a pessoa que enxerga que algo dentro de si, não está ordenado satisfatoriamente, busque pelas relações interpessoais o aperfeiçoamento, que faz parte dessa busca de finalismo. Tal aperfeiçoar-se, passa pelo governo da reta razão que forma a consciência, gera bons hábitos e pode dar maior fecundidade no processo de autoconhecimento e consequente vida relacional.

O papel das virtudes morais cardeais são de regência desses próprios atos humanos, entendendo que a vontade governada pela razão, faz com que o homem ordene e harmonize melhor seus atos, antes de os exercer. O homem que é prudente, alcança a sabedoria, sabe quais coisas tem direito e dever, não desiste frente as batalhas, luta como forte guerreiro frente ao combate, temperando sempre a sua forma de agir, de acordo com aquilo que ele entende que é, fato que pode também perceber quando está exercendo com liberdade e plenitude uma importante dimensão do seu ser pessoa, que é o relacionamento consigo e com o outro.

6. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo, visou apresentar dentro do pensamento filosófico e de forma mais enfática, na visão de Tomás de Aquino, os conceitos das virtudes morais, delimitando-se nas principalíssimas que são as cardeais. Tais conceitos apresentados, demonstram a necessidade da aplicação da vida moral aos constitutivos mais intrínsecos do homem, por isso, o estudo buscou aplicar a correta vivência de tais virtudes a dimensão relacional do homem, consigo e com o outro, demonstrando que o homem virtuoso, pode elevar-se a condições satisfatórias nestas relações.

Levar em conta o modo de viver do homem é importante, por isso, dentro do corpo deste trabalho o leitor, pôde entender como se constrói a vida de virtude. Há assuntos aqui contemplados, que foram tratados de maneira mais objetiva, que mereciam melhor aprofundamento, para tal construção, pode ser feita consultando a obra do Dr. Angélico, a Suma Teológica. A virtude compreendida como hábito constante, pode moderar os impulsos irracionais do homem, que por vezes, se deixa mover mais por sentimentos do que pela razão.

De fato, fez-se necessário tal construção, para entender que a vontade que tende tanto ao sensível como ao racional, precisa de um agente moderador, e este é a razão, que em seu trono de regência, é a norma que torna a vida do homem virtuosa. Entendidos tais pressupostos, vê-se que a reta razão transforma a consciência subjetiva do homem em moral, dando-lhe a possibilidade de julgar melhor suas ações e também se compreender interiormente, seus medos e desafios.

As virtudes morais cardeais, propriamente, formaram o ponto central de análise para aplicação na dimensão de relação do homem, pois são estas as que estão mais ligadas a vida prática

do cotidiano do homem, e, portanto, as que geram maior obtenção de vida virtuosa. O homem vivente precisa a todo momento, decidir entre algo certo e errado, mas antes é importante ele julgar o porquê disso. Dentro do trono das virtudes, a prudência que é sua rainha, tem papel tanto moral, quanto intelectual, para reger todas as outras virtudes, por isso ela precaver as ações humanas, e é o meio eficaz do início da formação da vida virtuosa.

O homem prudente, vai procurar na virtude o local de encontro de sua finalidade de vida, todos os homens realmente almejam a felicidade. Contudo, é preciso usar do meio da moralidade, para dar razões aos seus anseios, e não se deixar controlar por sentimentos evasivos, mas dar respostas a cada uma de suas perguntas mais essenciais. A razão dando tal subsidio aos homens, os ajudam a se aprofundarem nesta dimensão intersubjetiva, que os levam a um autoconhecimento satisfatório. Além disso, o homem estando bem relacionado consigo, consegue no outro também se encontrar, e o ajudar nesse processo bilateral, a também se reconhecer.

A cada homem, cabe viver de maneira justa, saber o que tem direito e dever, não desistir das lutas que trava na vida, por isso foi importante citar a forte influência das virtudes cardeais bem ordenadas nas decisões práticas da vida do homem. O exemplo citado, da atual pandemia, traz um retrospecto interessante da resolução deste trabalho.

Os homens que têm se colocado diante de si, e dado nome a seus problemas, e condições de alcançar seus anseios, obtêm respostas satisfatórias no campo intersubjetivo, não se isolam, “mesmo estando meramente isolados”. Gera, contudo, condição de melhor relacionamento familiar, produz iniciativas de encontro, seja pelos meios sociais, como vídeo chamadas, seja pela retomada das ligações ou outras formas. Tudo depende, da capacidade de cada pessoa em decidir livremente, se deseja de fato, deixar sua vontade ser ordenada pela razão, ou preferem submergir na cultura do nada, e continuar a viver isoladas sem respostas aos seus anseios.

Por fim, esse trabalho que tem primeiro objetivo ser conclusão de uma licenciatura filosófica, significa uma breve, mais rica explanação de conceitos, das virtudes, para a *práxis* humana. Há muito o que aprofundar, porém, dar a oportunidade de entender que a vida do homem necessita de ordem e harmonia de seus constitutivos, a fim de que ele possa alcançar a felicidade. Talvez muitos de nós, possamos estar atrás de respostas que não vão ser encontradas somente

dentro de nós mesmos, por isso a importância da relação com o outro. E o outro, que se apresenta a nós, também necessita de certo modo, dessa bilateral relação.

Abramos a nossa inteligência, a nossa razão, para serem dedicadas servas do desenvolvimento integral das nossas dimensões. Assim poderemos alcançar a virtude, harmonizando o modo de viver e dando a nós mesmos e as pessoas que nos cercam a capacidade de nos conhecermos melhor, gerando dessa forma intimidade com nosso Eu, e com o outro, para vencer as barreiras das relações superficiais e alcançar um grau satisfatório e fecundo de nossas capacidades de contrair relações intersubjetivas. Através das virtudes morais bem ordenadas em cada um de nós, é possível, alcançar tal objetivo. Só podemos dar sentido à vida de alguém, quando estamos dispostos a perceber aquele que está ao nosso lado, buscando primeiro, é claro, estarmos bem conosco e com as nossas capacidades de relação bem entendidas e entregues também ao governo da vida virtuosa.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. **Condensado do Comentário à Ética Nicômaco de Aristóteles, 2006.** Disponível em: <http://documentacatholicaomnia.eu/03d/12251274,_Thomas_Aquinas,_Aristotelis_Libri._Sententia_Libri_Ethicorum,_PT.pdf>. Acesso em 31 de março de 2020.

AQUINO, T. **As Virtudes Morais – Questões Disputadas sobre a Virtude.** Campinas: Ecclesiae, 2012.

“**BÍBLIA SAGRADA, A.T. Sabedoria.** In Bíblia Português. Bíblia Sagrada Católica: Antigo e Novo Testamentos. Edição e Tradução: CNBB. 17º Red. Brasília- DF, 2012. p.818”.

BOCCA, F.V. **Ética em movimento.** São Paulo: Paulus ,2009.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico.** São Paulo: Perspectiva, 1982.

CHALMETA,G. **Ética Social: Familia, profesión y ciudadanía.** 2ª edição. Ed: Ediciones Universidad de Navarra, S.A. Navarra- Espanha. 2003.

FRAILE, G. **História de la Filosofía.** Ed. Blioteca de Autores Cristianos. Madrid , 2015.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisas sociais.** São Paulo: Atlas,1999.

AQUINO, S.T. **Suma Teológica:** Das distinções entre as virtudes morais e as intelectuais. São Paulo: Ecclesiae,2016 v.2.

REALI, G. **História da filosofia: patrística e escolástica,** v.2. ed:Paulus. São Paulo, 2003.

AQUINO,S.T. **Suma contra os gentios:** A felicidade não consiste nos atos das virtudes morais. São Paulo: Ecclesiae, 2016.

JOLIVET, R. **Tratado de Filosofia II Psicologia.** Trad: Gerardo Dantas Barretto. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1967.

MARTINS, J, S. **A existência intersubjetiva em Martin Buber.** Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18969/29688>> Acesso em 10 de setembro de 2020.

MOLINA, E. **Moral de la persona.** 1ª edição. Ed: EUNSA (Ediciones Universidad de Navarra, S.A.), Pamplona –Spain. 2006.

PIEPER, J. **Virtudes fundamentais: as virtudes cardeais e teologais.** Ed: Cultor de Livros. São Paulo, 2018.

SAKAMOTO, L. **Atendimento do Samu relacionado ao suicídio cresce durante a pandemia.** Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardosakamoto/2020/05/31/atendimento-de-urgencia-relacionado-a-suicidio-cresce-durante-a-pandemia.htm>> . Acesso em 28 de outubro de 2020.

SARRÁIS, F. **Compreender a afetividade.** Ed: Cultor de Livros. São Paulo , 2018.

SIMON, R. **Moral: Curso de Filosofia Tomista.** 4ª edição. Ed: Herder. Barcelona, 1981.

SILVA, G.G. **O vício da gula e a virtude do bom combate, a temperança.** 65 páginas. (Monografia, Teologia) – Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis, 2018.

SILVA, J, P, S. **O Hilemorfismo na pessoa humana segundo Santo Tomás de Aquino.** Brasília –DF, 2006.

SOUZA, R. **Vício em jogos eletrônicos aumenta em meio à pandemia do coronavírus.** Jornal Record News. Disponível em : < <https://ndmais.com.br/noticias/vicio-em-jogos-eletronicos-aumenta-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

STORCK, Ricardo Yepes; ECHEVARRÍA, Javier Aranguren. **Fundamentos de Antropologia. Um ideal da excelência humana.** 2ª edição. Ed: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. São Paulo, 2005.

VEIGA, B. **A Ética das virtudes segundo Tomás de Aquino.** Ed: Ecclesiae. Campinas -SP, 2017.